

A Contribuição do Diário de Estudos Para a Docência em Artes Visuais

The Contribution Of The Study Journal
For Teaching In Visual Arts

La Contribución Del Diário De Estudio
Para La Enseñanza En Artes Visuales

Joviana Jensen¹

Ms. Tharciana Goulart da Silva²

Dra. Jociele Lampert³

1 Mestranda em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0259199015083123> Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4698-7261> E-mail: jovianaj@gmail.com

2 Doutoranda em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). Atua como professora colaboradora no Centro de Artes da UDESC, no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262703963941419> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2393-5303> E-mail: tharcianagoulart@gmail.com

3 Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009); Mestre em Educação pela UFSM (2005). Professora Adjunta na Universidade do Estado de Santa Catarina. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7149902931231225> Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0963-0925> Email: jocielelampert@uol.com.br

RESUMO

O presente texto discute sobre a relevância do uso do diário de estudos como instrumento de pesquisa no âmbito de ensino em Artes Visuais. Por meio dos registros visuais ou escritos, busca-se no diário uma maior compreensão dos processos teóricos e práticos do sujeito em formação, neste caso, discentes do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Leonor de Barros de Florianópolis (SC). Sendo o diário, uma forma de documentação e organização de idéias, pensamentos, planejamentos e estudos, investiga-se através da metodologia qualitativa de pesquisa, a possibilidade de uma contínua autoavaliação da experiência discente no campo da arte e da vida, visando a criação de ações educativas em Artes Visuais, mais críticas e reflexivas.

PALAVRAS-CHAVE

Diário; Experiência; Ensino de Artes Visuais.

ABSTRACT

This text discusses the relevance of using the journal as a research tool in the teaching and learning process in Visual Arts. Through written or visual records, we seek a greater understanding of the theoretical and practical processes of the subject in training, in this case, high school students, from the State Elementary School Leonor de Barros, in Florianópolis (SC). Since the journal is a form of documentation and organization of ideas, thoughts, plans and studies, we investigate, through the Qualitative Methodology, the possibility of a continuous self-assessment and reflection of students' experiences in the field of art and life, aiming at an educational action in Visual Arts, more critical and reflective.

KEY-WORDS

Journal; Experience; Teaching of Visual Arts.

RESUMEN

Este texto discute la pertinencia del uso del diario de estudio como herramienta de investigación en el contexto de la enseñanza de las Artes Visuales. A través de registros visuales o escritos, se busca en el diario una mayor comprensión de los procesos teóricos y prácticos del sujeto en formación, en este caso, alumnos de enseñanza media de la Escuela Primaria Leonor de Barros de Florianópolis (SC). Dado que el diario es una forma de documentación y organización de ideas, pensamientos, planes y estudios, se investiga a través de una metodología de investigación cualitativa, la posibilidad de una autoevaluación continua de la experiencia del estudiante en el campo del arte y la vida, con el objetivo de la creación de acciones educativas en Artes Visuales, más críticas y reflexivas.

PALABRAS-CLAVE

Diario; Experiencia; Enseñanza de las Artes Visuales.

O presente texto parte da pesquisa de TCC intitulada “Diários e suas trajetórias na formação docente em artes visuais”, defendida no ano de 2020, bem como, dialoga com a pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV-UDESC).

Durante os meses de outubro a dezembro de 2019, fui contratada pelo Governo do Estado de Santa Catarina para lecionar a disciplina de Arte, em caráter temporário, na Escola de Educação Básica Leonor de Barros. A instituição fica no bairro Itacorubi de Florianópolis (SC) e está estabelecida na região desde o ano de 1947. A escola recebeu esse nome em homenagem à professora Leonor de Barros, mulher negra formada em 1922, na então Escola Normal Catarinense. A instituição contava naquele ano com cerca de 630 estudantes, oriundos em sua maior parte de regiões do próprio do Itacorubi, principalmente de áreas mais carentes do bairro.

Lecionei a disciplina de Arte para algumas turmas do Ensino Médio. Com a turma 22 do segundo ano, desenvolvi com base em minhas pesquisas e trabalhos realizados com os diários durante a formação inicial em Licenciatura em Artes Visuais, o projeto intitulado “Paisagens educacionais e as memórias da travessia escolar”. O objetivo foi propor aos estudantes a construção de um diário que culminasse na conclusão da disciplina, considerando o pouco tempo de atuação que teria junto a eles⁴.

Pretendeu-se com a presente proposta, abordar as questões relativas às diversas travessias realizadas pelos estudantes em seus cotidianos, explorando em narrativas visuais ou escritas as diferentes percepções que atravessam as suas experiências pela paisagem escolar. Para tanto, buscou-se em um diálogo, trazer o envolvimento dos estudantes com as questões pertinentes a esse espaço que é a escola. Isso inclui as características que compõem este local, a ideia de pertencimento a esse lugar, bem como a memória histórica e afetiva construída.

Por meio de exercícios de desenho, escrita e colagem nos diários, os estudantes foram convidados a refletir sobre suas próprias trajetórias na escola, considerando este, um lugar de convívio, relacionamentos, aprendizados e desafios. A partir de suas memórias, eles puderam ponderar sobre os diversos âmbitos que compõem o espaço escolar e refletir sobre as diferentes percepções produzidas a partir das subjetividades construídas neste espaço-tempo. Assim o diário tornou-se um instrumento para a pesquisa qualitativa no âmbito das Artes, uma vez que possibilita o pensar-sentir-agir sobre as próprias práticas enquanto ser-estar em contínua formação.

Passamos boa parte do nosso tempo de vida na escola. Este trata-se de um lugar permeado de acontecimentos e que muitos costumam designar de “a nossa segunda casa”. Ali aprendemos a ler, escrever, desenhar, pintar, contar e cantar, mas aprendemos também a nos relacionar nesse local, muitas vezes, reproduzindo práticas e discursos.

É no espaço escolar que os primeiros passos em direção à vida social se iniciam. Cada escola apresenta um contexto pedagógico e político diferente, bem como cada estudante carrega em si um contexto social e cultural que compartilha em seu

4 O tempo de atuação se deu por três meses.

convívio. Nesse intervalo estudante/escola, cada qual com suas personalidades e especificidades, ocorre o desenvolvimento do sujeito singular e único. Para Barbosa, (2015) contudo,

Nossa experiência histórica mostra que, num país econômica e politicamente dependente, o sistema educacional é um reflexo dessa dependência (BARBOSA, 2015, p.38).

Tornando-se portanto, um sistema dependente da mesma forma, como “um instrumento de manutenção da situação de dependência” (op.cit. p.39). É possível perceber a partir das citações da autora, que o sistema educacional brasileiro, ao mesmo tempo que é dependente, reproduz a dependência nos sujeitos, para que estes reproduzam a dependência desejada em sua origem.

No âmbito do ensino de Artes Visuais não é diferente. Na maior parte das instituições, o estudante continuamente, tem aprendido a des-aprender. Fazendo-se necessário portanto, romper com os processos de formação das dependências, através da investigação e pesquisa por caminhos mais significativos no ensino das Artes Visuais, afim de contribuir para a formação de sujeitos mais críticos e reflexivos de seu contexto social.

A arte nesse sentido, em muito tem a contribuir, pois através da construção de ações e planejamentos mais consistentes e questionadores, os estudantes são provocados ao debate, à problematização e à reflexão acerca de si, do seu entorno e dos diversos elementos que compõem o seu dia a dia.

Pensando nisso e sobre os aspectos que compunham o contexto do projeto (o curto período de trabalho, a faixa etária dos estudantes, entre 15 e 17 anos e o contexto social a que estavam inseridos), propus inicialmente exercícios de escrita, baseadas nos relatos e nas anotações do diário pessoal da artista Louise Bourgeois⁵ (1911-2010).

A artista costumava manter três tipos de diários: o escrito, o falado (registrado em um gravador) e o de desenhos (BOURGEOIS, 2000). Chamava seus diários de “compulsões carinhosas” e afirmava: “(...) ter esses diários variados significa que gosto de manter a minha casa arrumada. Eles devem estar atualizados para eu ter certeza de que a vida não passou por mim” (BOURGEOIS, 2000, p. 305). É possível perceber através do trecho descrito, como o registro no diário era uma prática relevante para a artista, no sentido de auxiliar na organização de suas idéias, pensamentos, sentimentos ou planejamentos poéticos.

Da mesma forma, apresentei ao grupo a pesquisa de pós-doutorado da professor-artista-pesquisadora, Dra. Jocielle Lampert, “Diário de artista e Diário de professor: Deambulações sobre o ensino da pintura” (2016), bem como meus próprios diários realizados durante o curso de formação inicial em Artes Visuais.

A apresentação dessas referências tiveram por objetivo propiciar aos estudantes uma percepção mais ampliada sobre as diferentes formas de composição de um diário, pois cada artista, professor ou artista-professor-pesquisador, apresenta as suas

5 BOURGEOIS, Louise. Desconstrução do pai, reconstrução do pai. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

próprias subjetividades, poéticas ou retóricas, transformando as suas personalidades em trabalhos únicos.

Para Lampert(2016),

Para ser professor de arte é preciso ser artista e ser pesquisador. Ser artista quer dizer experimentar, viver a experiência; e pesquisar quer dizer saber procurar articulações e construir caminhos metodológicos de acordo com contexto e conteúdo(LAMPERT, 2016, p.84).

Ou seja, procurar articular a teoria com a prática, produzindo-se o que se ensina e ensinando-se o que se produz, na tentativa de aproximação dos conteúdos com os contextos relacionados aos estudantes e ao próprio professor.

Assim, durante todas as aulas os estudantes foram convidados a registrar palavras-chaves que resumissem o seu dia. No início, muitos não conseguiam compreender o objetivo do exercício e o consideravam irrelevante, talvez pelo fato de desconhecerem a potência criada nessa forma de registro (do cotidiano) ou pela prática ser pouco explorada no contexto da escola.

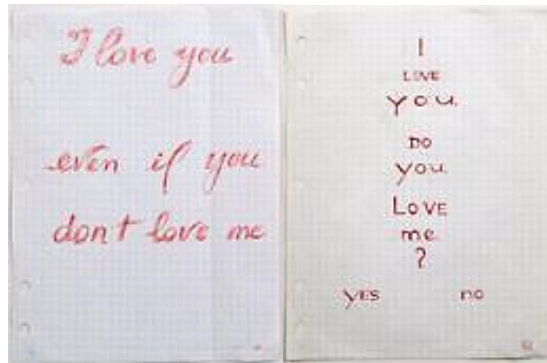
Os encontros aconteciam no penúltimo horário do dia, quando os estudantes já se apresentavam muitas vezes cansados e desmotivados. Percebeu-se que, para muitos estudantes, é preciso um grande esforço pessoal para continuar e seguir adiante em seus estudos, em um sentido de permanecer acreditando que o tempo despendido na escola pode ser vivido de uma forma construtiva (de aprendizados).

Nesse sentido, os relatos de Louise Bourgeois poderiam apontar um caminho para a reflexão, pois, em notas realizadas pela artista, constavam ideias, pensamentos ou sentimentos do seu dia a dia, como forma de registro das suas situações rotineiras. Assim, por meio de frases ou palavras “soltas” no papel, os estudantes relataram o seu dia, isto é, o dia do encontro da aula. Para a realização do exercício, utilizamos do próprio conceito de “palavras-chave”, ou seja, buscar em pontos principais o que resumisse as suas experiências, até o momento do encontro.

Ainda que, inicialmente muitos desacreditassem do valor daquela prática, persisti continuamente com o exercício. Pois, pela minha própria experiência com os escritos nos diários, aprendi a conhecer e reconhecer a potencialidade de uma narração autobiográfica. O professor Zabalza(2004), que pesquisa a produção de diários de aula por professores ou estudantes em formação, afirma que:

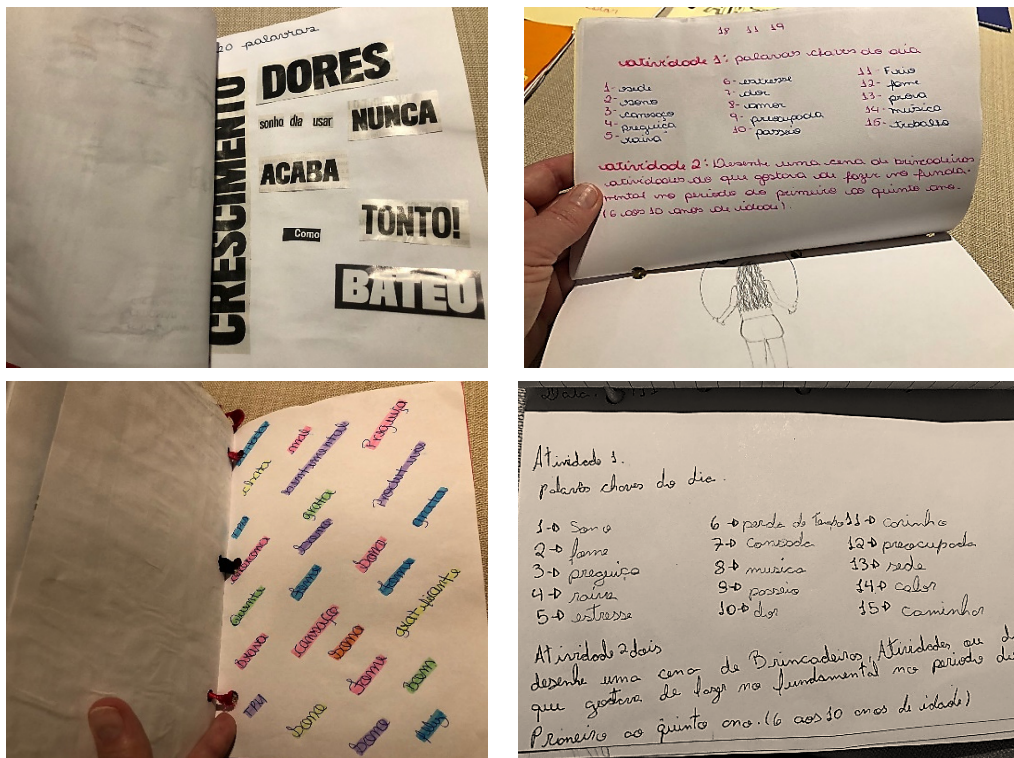
Escrever sobre o que estamos fazendo como profissional (em aula ou em outros contextos) é um procedimento excelente para nos conscientizarmos de nossos padrões de trabalho. É uma forma de “distanciamento” reflexivo que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar. É, além disso, uma forma de aprender(ZABALZA, 2004, p.10).

Da mesma forma, enquanto os estudantes escreviam seus relatos, realizavam um exercício cognitivo de organização e elaboração de suas notas, transformando as informações relatadas, em potentes reflexões.



Diário de Louise Bourgeois. 2019. Fonte: https://www.moma.org/s/lb/collection_lb/object/object_objid-193138.html

Foi possível perceber que, à medida que realizavam o exercício através dos encontros, novas percepções iam surgindo, fazendo com que eles se surpreendessem e se encantassem com o novo processo de registro. Isso ficava visível à medida que, anotavam as palavras ou escritos e rapidamente comentavam com os colegas ao seu lado, sobre os relatos e percepções ocorridos a partir da proposição. Assim, para além da prática de uma escrita mais consciente, através do exercício de rememoração, iniciava-se entre os estudantes, uma relação de compartilhamentos, tornando as suas experiências, mais interativas e reflexivas.



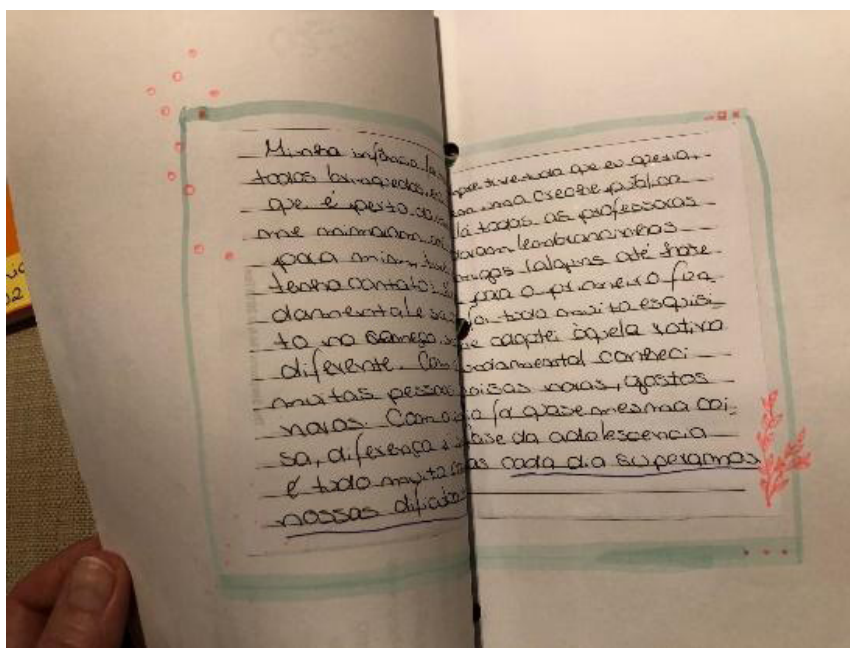
Diários dos estudantes. *Palavras-chave*. 2019.

Fonte: acervo da autora.

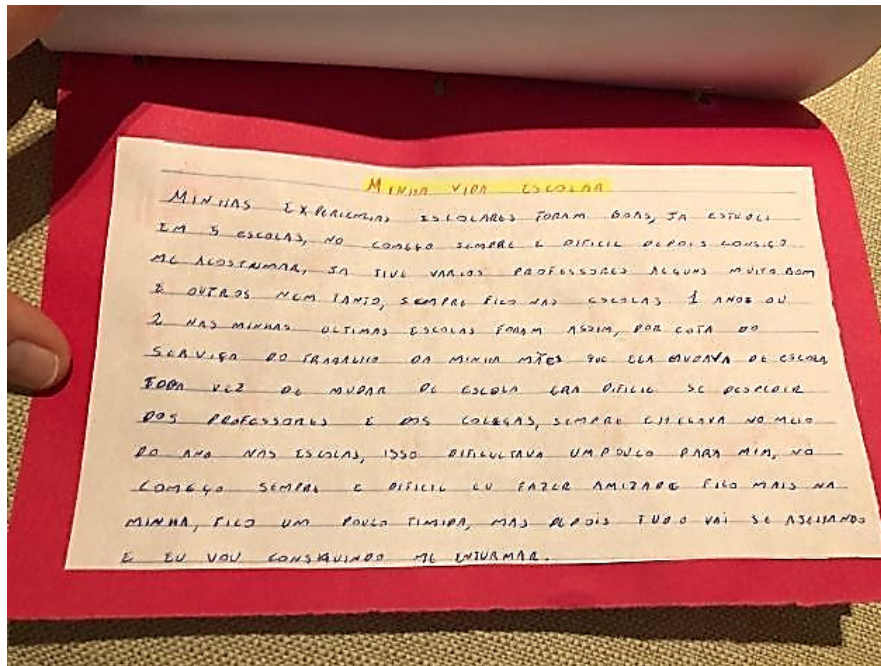
Sobre o conceito de experiência em John Dewey (2010), o autor relata que o conhecimento só pode ocorrer verdadeiramente através da relação do ser com o contexto em que está inserido, possibilitando a experiência singular nessa interação. Experiências estas que deixam impressões diferenciadas e que geram um conhecimento real e vivo no sujeito. Para Dewey (2010) “A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver”(DEWEY, 2010, p.109). Assim, no processo de compartilhamento das idéias e dos trabalhos realizados, tornou-se possível estabelecer as relações necessárias à consumação de uma experiência vivida e à produção do real conhecimento.

Em um segundo momento, pedi-lhes que escrevessem um texto das memórias da escola, relatando os aspectos que consideravam de maior relevância para a composição de sua “história escolar”. A narração autobiográfica deveria corresponder às provocações instauradas em sala de aula: “Com quantos anos iniciou a trajetória escolar?”, “Por quais escolas já passou?”, “Sentiram dificuldades de ingressar na escola? Caso sim, quais foram?”, “Se mudaram de escolas, como foi a experiência?”, “Quais foram os interesses que despertaram durante a trajetória escolar de acordo com cada período?” Essa foi uma forma de realizar um mapeamento inicial do contexto dos estudantes, bem como um modo de conhecê-los melhor. Mesmo que dispendo de um tempo curto de aulas, conhecê-los a partir do seu contexto pessoal auxiliou a traçar a continuidade do planejamento.

Além disso, o intuito foi também de provocá-los a refletir sobre suas próprias trajetórias através desse lugar, a escola, uma vez que em breve estariam completando o Ensino Médio e se encaminhando para novos rumos e horizontes. Assim, iniciar esse processo de reflexão da própria trajetória pessoal e escolar, se tornaria relevante para aquele momento de vida.



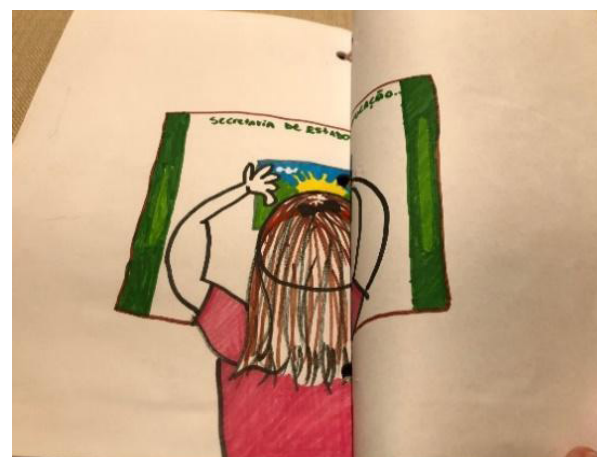
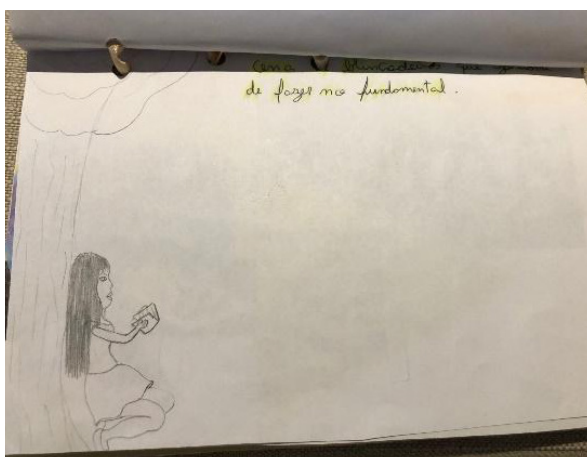
Diários dos estudantes. Memórias da travessia escolar 2019. Fonte: Acervo da autora



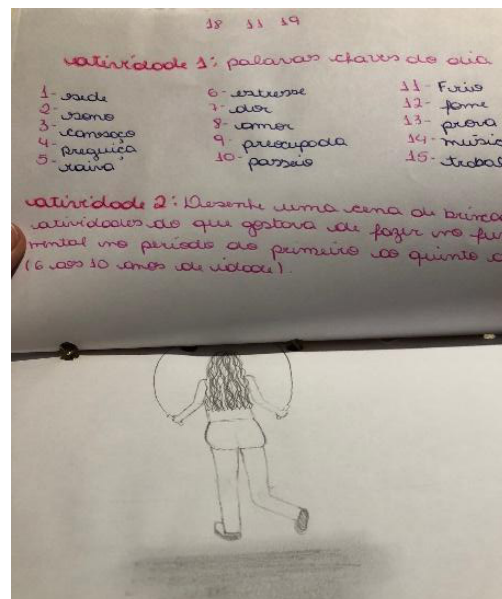
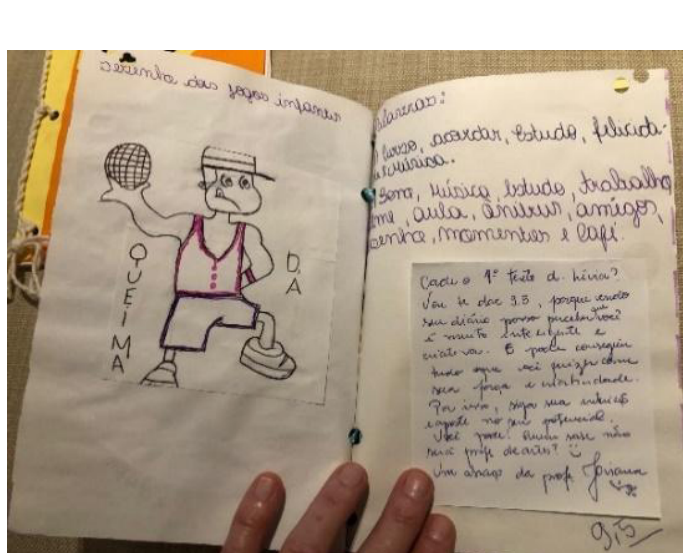
Diários dos estudantes. Memórias da travessia escolar; 2019.

Fonte: acervo da autora.

Em um terceiro momento e pensando a linguagem do desenho, foi solicitado que apresentassem em uma folha de papel ofício as memórias relativas às brincadeiras, atividades infantis, gostos ou interesses que despontaram ainda nos anos iniciais da travessia escolar. Uns apresentaram as brincadeiras nos parquinhos, enquanto outros seus jogos preferidos. Houve os que apresentaram o lugar que mais apreciavam na escola ou os interesses de estudos, surgidos ainda em tempos escolares iniciais.



Diários dos estudantes. Afetos escolares. 2019 Fonte Acervo da autora



Diários dos estudantes. Afetos escolares. 2019

Fonte: Acervo da autora.

Posteriormente, foi apresentada a proposta de exercício com colagem, pensando conceitos de sobreposição e justaposição percebidas nas obras *Ma Jolie* (1911-1912) e *Casas em L'Estaque* (1908) de Pablo Picasso e Georges Braque. O tema do exercício era: "Qual a cara do seu futuro?" No trabalho, deveria constar o que mais se sobrepôs para cada estudante sobre os conteúdos ou interesses escolares. Além disso, eles deveriam compor com as imagens, o que imaginavam (desejavam) para seu futuro.

Enfatizei que pensassem a composição da colagem de uma maneira não convencional mas pictórica, ou seja, como uma pintura e sem espaços vazios ou intervalos entre uma imagem e outra. Os alunos poderiam interferir em seus próprios trabalhos com desenhos ou escritos, de acordo com o seu desejo. Apesar da explanação, muitos ainda habituados à tradicional forma de pensar e trabalhar com a colagem, repetiram e mantiveram os espaços vazios e os intervalos entre as imagens. De fato, seria necessário um maior espaço de tempo com os encontros, para uma melhor compreensão sobre a proposta lançada.

É interessante perceber como os estudantes tendem a permanecer no padrão tradicional da repetição do que já conhecem e praticam em oposição a tentar desenvolver novas experiências de criação. Familiarizados às reproduções e a ênfase na técnica, o foco do estudante volta-se para o resultado final; que deve ser "bonito" de acordo com os padrões estéticos já estabelecidos. No lugar de tentar construir um caminho de pensamento mais crítico e reflexivo sobre a própria prática ou narrativa, tornando-se capazes de realizar escolhas próprias, tendem a repetir as mesmas formas de (re) produção, do que consideram conhecido ou aceitável pelo próprio sistema da escola.

Por outro lado, foi possível observar que alguns estudantes buscaram explorar as palavras e os escritos, em composição com as imagens, o que os aproximou mais da proposta lançada.



Diários dos estudantes. *Qual a cara do seu futuro?* 2019.

Fonte: acervo da autora.

Ao final dos encontros e para a conclusão da disciplina, os estudantes foram convidados a construir os seus diários, pois todos os exercícios foram desenvolvidos da mesma forma, isto é, com papéis ou folhas soltas, em aproximação com a artista referência, Louise Bourgeois (2000).

Assim, o trabalho final constituiu-se da montagem dos diários nesse agrupamento. Para tanto, os estudantes utilizaram-se de diversos artefatos que trouxeram de suas casas, além de outros fornecidos (fitas, cordas, barbantes, lápis de cor, imagens, canetinhas, papéis coloridos, etc.).

A opção de construir o diário apenas ao final do percurso, foi pelo desejo de deixá-los realizar a própria escolha dos suportes relativos a cada trabalho. Em alguns momentos, houveram diferentes tipos de papéis, como dos seus cadernos de aulas ou dos materiais previstos pela escola. A grande maioria optou pelas folhas brancas de papel ofício, em razão da cor ou da forma não entrar 'em conflito' com os trabalhos a serem realizados. Já para as capas, outras alternativas mais coloridas foram exploradas.

Percebeu-se pelas escolhas, que, mais uma vez, o estereótipo do padrão da repetição se fez presente. Pois, novamente o caminho do mais conhecido para a escolha dos papéis e para a própria construção dos diários foi determinante. Isto é, a folha de fundo branco para as práticas artísticas, a folha de fundo colorido para as capas, sem mencionar as folhas com pauta, para os escritos.

De fato, há que se estar atento às tendências tradicionais que permeiam a prática de ensino e aprendizagem, mas que nos permeiam também, enquanto arte educadores e que muitas vezes nos engessam e de forma inconsciente repetimos, mesmo que a intenção seja o oposto.

Assim como no ensino ou na vida, estar docente, é estar criando e portanto, estar em contínuo aprendizado. Tendemos às repetições, assim como os estudantes, porque fomos construídos da mesma forma, pelo mesmo sistema educacional vigente. Trata-se de uma questão de contínua autoavaliação, no sentido de lançar-se ao novo, que instiga mas que também, desafia e desacomoda. Assim, a atenção permanente se faz necessária.

Ao final do projeto, houveram relatos de que a construção dos diários foi imensamente prazerosa, pois novas percepções acerca de suas trajetórias pessoais ou estudantis foram construídas. Ao revisitarem os trabalhos em seus diários, observaram que muitas das impressões que já tinham em relação aos seus próprios gostos, interesses ou mesmo dificuldades, confirmaram-se pelos exercícios realizados. Percebe-se portanto, que o suporte do diário pode ser um meio relevante para a reflexão, autoavaliação e projeção para outros e diferentes estudos, pois no encontro com os registros realizados, singulares ou desconhecidos desdobramentos podem surgir, gerando um campo de pesquisa em Artes Visuais.



Diários dos estudantes. 2019. **Fonte:** acervo da autora.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

BOURGEOIS, Louise. **Desconstrução do pai, reconstrução do pai**. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LAMPERT, Jocielle. **Diário de artista e diário de professor: deambulações sobre o ensino da pintura**. Florianópolis: Ed. do autor, 2016.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Submissão: 29/06/2022

Aprovação: 21/07/2022